

ESPELHO, ESPELHO MEU...existem os meus pais no meu eu? O narcisismo parental e a constituição da subjetividade da criança

Vitor Gabriel Matsumura do NASCIMENTO¹

Rômulo José F. de OLIVEIRA JÚNIOR²

RESUMO

O narcisismo representa uma estrutura em ascendência na contemporaneidade, sobretudo nas relações entre pais e filhos. O presente estudo investiga os impactos do narcisismo parental na constituição da subjetividade infantil a partir do referencial teórico da psicanálise. Parte-se do pressuposto de que os processos de subjetivação são atravessados pelos investimentos afetivos, desejos e expectativas das figuras parentais, podendo favorecer ou comprometer a emergência da singularidade da criança. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica fundamentada, principalmente, nas contribuições de Freud, Winnicott e Lacan. A análise evidencia que, quando os investimentos narcísicos dos pais excedem sua função estruturante, a criança pode ser capturada pelas demandas parentais, comprometendo a constituição de um sujeito desejante e autônomo. Conclui-se que o narcisismo parental, embora constitua um elemento inerente às relações entre pais e filhos, pode tornar-se um obstáculo ao desenvolvimento psíquico quando impede o reconhecimento da alteridade e da singularidade infantil.

Palavras-chave: Narcisismo. Subjetividade. Projeções.

ABSTRACT

Narcissism represents a growing structure in contemporary society, especially in parent-child relationships. This study investigates the impacts of parental narcissism on the constitution of children's subjectivity through the theoretical framework of psychoanalysis. It is based on the premise that the processes of subjectivation are traversed by the affective investments, desires, and expectations of parental figures, which can either favor or compromise the emergence of the child's singularity. This is a qualitative research study, developed through a literature review based primarily on the contributions of Freud, Winnicott, and Lacan. The analysis shows that when parental narcissistic investments exceed their structuring function, the child can be captured by parental demands, compromising the constitution of a desiring and autonomous subject. It concludes that parental narcissism, although an inherent

1 Graduado no curso de Psicologia (Bacharelado) pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. E-mail: matsumuravitor@gmail.com

2 Graduado em Psicologia (UNINASSAU), especialista em Neuropsicologia (ESUDA), Psicanalista (ABEPE), graduado em História (UFRPE), Mestre em História (UFRPE), Doutor em História (UFPE), Professor do curso de Psicologia (ESUDA). E-mail: romulojunior7@hotmail.com

element in parent-child relationships, can become an obstacle to psychic development when it prevents the recognition of alterity and the child's singularity.

Keywords: Narcissism. Subjectivity. Projections.

INTRODUÇÃO

O narcisismo, termo herdeiro do mito de Narciso, encontra em sua conceituação mais elementar o “amor pela imagem de si mesmo” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 287). Semelhantemente, esse aspecto caracteriza a narrativa da vilã de Branca de Neve, a Rainha madrasta, cujo maior anseio é pautado na supremacia da própria beleza como garantia de poder e controle (Bilotta, 2010), o que constitui uma analogia que permite a síntese de reflexões sobre os vários significados que o termo abrange.

Em um sentido simbólico, o narcisismo se associa aos espelhos, sobretudo no ato de refletir a sua própria imagem na figura do outro, o que constitui um fenômeno comum nas relações entre pais e filhos (Holmes, 2001). Retornando ao conto de fadas, Branca de Neve passa a ser um espelho metafórico ao refletir as inseguranças e defeitos de sua madrasta, visto que se torna a mais bela e, portanto, deslocada do desejo da Rainha (Bilotta, 2010). Tal enredo denota as tensões decorrentes da divergência entre as projeções narcísicas e o reconhecimento da singularidade, sobretudo nas relações parentais.

Dessa forma, em um cenário onde há a predominância do medo da ameaça e da mortalidade do Eu, torna-se corriqueira a tentativa de autorrealização dos pais sob o aspecto de asseguramento de amor e desejo aos filhos, moldando a estrutura familiar (Lasch, 2022). Isso viabiliza a noção de que os filhos representam objetos de investimentos narcísicos parentais que, em certa medida, constituem fatores essenciais para a sua subjetivação. Contudo, a excedência de tal investimento, isto é, o narcisismo parental (Maia; Okamoto, 2023), viabiliza uma série de repercussões significativamente comprometedoras na formação da criança enquanto sujeito.

Logo, embora o investimento narcísico integre um pilar intrínseco ao desenvolvimento psíquico da criança na sua relação com as figuras parentais, torna-se imprescindível um enfoque teórico voltado aos desdobramentos subjetivos articulados a falhas nesse processo. Sendo assim, a elaboração desse estudo justifica

sua relevância pela possibilidade de compreensão acerca dos processos envolvidos na constituição subjetiva da criança, sobretudo no que concerne à evidenciação e interferências do narcisismo dos pais na relação familiar. Além disso, ao examinar a linha tênue entre o narcisismo necessário e sua face descomedida, haveria o aprofundamento no debate psicanalítico acerca das projeções narcísicas da parentalidade e suas reverberações psíquicas nos filhos.

Em vista disso, o objetivo principal da pesquisa consiste em investigar, a partir do referencial psicanalítico, os impactos do narcisismo parental na constituição da subjetividade infantil. Para tanto, busca-se permear, inicialmente, pelas origens conceituais acerca da formulação do narcisismo na psicanálise, seguido de uma análise minuciosa das formas pelas quais tal conjuntura se manifesta nas relações entre pais e filhos. Posteriormente, objetiva-se uma abordagem direcionada à constituição subjetiva da criança, essencialmente na mediação e reconhecimento na relação com o outro, além de conjecturar acerca dos possíveis desdobramentos psíquicos da parentalidade narcisista nos afetos e sentimentos da criança em relação a si mesma e ao mundo externo.

No tocante aos aspectos metodológicos, a pesquisa se caracteriza como uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida entre março e maio de 2026, cujo processo de elaboração e construção se baseia em critérios concernentes aos delineamentos de uma revisão integrativa (Marconi; Lakatos, 2003). Entre as bases teóricas contempladas, destacam-se os trabalhos de Freud sobre o narcisismo e as relações objetais, assim como Winnicott e Lacan no que concerne à constituição subjetiva da criança. Além disso, foram integradas obras de outros autores acerca do narcisismo e da psicanálise infantil, assim como a abrangência de artigos científicos relacionados à temática da pesquisa.

1. FUNDAMENTOS E VICISSITUDES DO NARCISISMO

O poeta romano Ovídio (2014), em seu terceiro livro da obra *Metamorfoses*, narra o mito de Narciso, representado por um belo e cobiçado jovem que retrucava com rejeição a todo e qualquer cortejo. Entretanto, um de seus pretendentes humilhados roga à deusa Nêmesis para que Narciso “da mesma forma ame, da mesma forma não possua o ser amado” (Ovídio, 2014, p. 80). Dessa forma, o jovem

se torna refém de tal selo ao enamorar-se pela sua própria imagem refletida em uma fonte, o que causa profundo sofrimento frente à impossibilidade de apoderar-se de si mesmo e, subsequentemente, o seu definhamento.

O mito de Narciso nos possibilita pensar o peso que tal ideia de autovalorização excessiva emerge em muitas pessoas na sociedade atual. Assim, o termo narcisismo emerge dessa herança alegórica na psiquiatria e passa a ser elaborado de forma mais dinâmica em *Introdução ao narcisismo*, texto em que Sigmund Freud (1914/2010) explicita a escolha pelo médico Paul Näcke de tal palavra para designar a conduta perversa em que o indivíduo trata o próprio corpo como um objeto sexual, adquirindo prazer sexual através dos olhares e toques autodirigidos, até atingir plena satisfação. Nessa linha, observa-se a modulação inicial de tal conceito como o estabelecimento de si próprio enquanto alvo de amor e satisfação, o que era assimilado como configuração patológica.

Todavia, essa noção passa a ser questionada pelo autor no mesmo texto ao atribuí-la uma importante função no desenvolvimento humano, afirmando que “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (Freud, 1914/2010, p. 10). Essa libido, definida por Laplanche e Pontalis (2001) como uma energia deslocável associada às pulsões sexuais, seria destinada ao próprio corpo de um indivíduo sob o fim de conservação do seu psiquismo.

A partir dessa postulação, Freud (1914/2010) remonta a um investimento libidinal originário e normal do Eu, o qual é posteriormente cedido a outros objetos, denominado narcisismo primário. Acerca desse período, é estabelecido em *Os instintos e seus destinos* que “originalmente, bem no começo da vida anímica, o Eu se acha investido instintualmente, e é em parte capaz de satisfazer seus instintos em si mesmo. A esse estado chamamos de narcisismo, e de autoerótica a possibilidade de satisfação” (Freud, 1915/2010, p. 54).

Sob essa ótica, em *Freud e o inconsciente*, Garcia-Roza (1985) estabelece o fenômeno da reunião desses instintos autoeróticos em torno de si próprio enquanto objeto, este que constitui alvo de investimentos do então fincado narcisismo primário. Contudo, ainda não é reconhecida uma totalidade singular do indivíduo, uma vez que, de acordo com Lasch (2022), o recém-nascido (o narcisista primário) ainda não se

reconhece enquanto ser separado de sua figura materna, ou seja, encontra-se em uma relação simbiótica, o que leva à sensação de onipotência em meio às necessidades instantaneamente satisfeitas.

Acerca de tal cenário de onipotência, marcado pelo privilégio e centralização absolutos em torno da figura do bebê, pode-se depreender, de acordo com Zeferino Rocha (2008, p. 66), que

O narcisismo, enquanto investimento originário do Eu, seria a explicação metapsicológica de todas as formas de manifestação das ambições fálicas do desejo da criança, a qual se acredita onipotente, por causa de uma identificação primária com uma suposta onipotência das figuras parentais [...] Essas manifestações acontecem normalmente durante o processo do desenvolvimento libidinal e da constituição do ego, ou podem se tornar patológicas, quando resultam de fixações nas fases da evolução libidinal ou da formação e constituição do Eu.

O narcisismo, logo, pode ser assimilado como um fenômeno essencial no processo de estruturação psíquica de um indivíduo, isto é, no que concerne ao desenvolvimento sexual, ao Eu enquanto instância e a sua inserção e formação no mundo. Rocha (2008), ademais, contempla o investimento libidinal primário como alicerce na sustentação e dinamização do desejo de ser e agir do sujeito.

Essa condição anímica permanece de forma primária quando o Eu se inscreve de forma imatura e apresenta as dificuldades de perceber e alternar a energia libidinal entre si mesmo e o objeto de desejo. Essa alternância abriria possibilidade de pensar um narcisismo secundário. Entretanto, vale entender sobre essa libido do Eu e libido de objeto e em como a homeostase da troca evitaria as fixações no narcisismo primário (Freud, 1914). Desse modo, o investimento libidinal pode tomar, além do próprio indivíduo (libido do Eu ou narcísica), outra pessoa ou algo externo (libido de objeto) como objeto, constituindo uma relação inversamente proporcional (Laplanche; Pontalis, 2001).

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), se, por sua vez, o narcisismo primário consiste em um estado primordial cujo investimento libidinal da criança está totalmente voltado para si, o narcisismo secundário se estabelece quando as relações de objeto já se fizeram presentes, consistindo na sua retração e retorno da libido ao Eu. Acerca desse fenômeno, postulado através da observação clínica de manifestações psicopatológicas de pacientes parafrênicos e hipocondríacos, Freud (1914/2010, p. 27-28) estabelece que o narcisista secundário

Não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era seu próprio ideal.

Nessas circunstâncias, percebe-se que o narcisismo primário consiste no estado primordial e normal de investimento em si próprio tal qual uma mônada fechada, cujo ilusório cenário de onipotência e perfeição traduz um ideal a ser recuperado pelo indivíduo no decorrer do seu desenvolvimento. Assim, o narcisismo secundário se estabelece em um contexto de tentativa de aproximação a um protótipo de plenitude experimentado na infância, o que leva à ideia de que algum distúrbio no desenvolvimento tenha ocasionado um corte nos investimentos externos estabelecidos, levando ao retorno da libido para si mesmo.

Nesse caso, é provável que haja um componente em desorganização que acarrete em manifestações de comportamento próximas às descritas pelos manuais diagnósticos de transtornos mentais da contemporaneidade. À luz disso, Freud entendia que os transtornos de personalidade narcisistas estavam na esfera das psicoses e, por isso, o sujeito teria uma dificuldade de perceber a realidade para além do seu próprio universo (Fink, 2024). Nessa lógica, o termo narcisismo foi tomado pelo senso comum enquanto sinônimo de amor próprio excessivo, delírios de grandeza, egocentrismo, perdendo a sua legitimidade e seriedade teórica na sociedade (Lasch, 2022).

Todavia, a face antagônica do narcisismo é uma realidade nas relações contemporâneas, de forma que mostra grande impacto nas nuances afetivas e psíquicas que as constituem. Essas manifestações se fazem presentes sobretudo nas relações parentais, foco do estudo em análise do item seguinte.

2. NARCISISMO E RELAÇÕES PARENTAIS

Nos primórdios da atividade anímica de um recém-nascido, cuja proeminência corresponde às facetas da satisfação autoerótica e investimento libidinal centrados em si próprio, os pais se fazem presentes não de forma passiva, mas sob uma colocação atuante e crucial na sua organização psíquica. Nesse sentido, sendo o narcisismo, a princípio, um alicerce na formação e constituição de uma unidade do Eu

através de um foco de energia libidinal autodirigida, no qual há um estado imaginário de onipotência e perfeição, é possível observar a reincidência de tal configuração sob a forma de projeção em uma relação familiar. Nesse contexto relacional, Freud (1914/2010) conjectura que a ternura dos pais para os filhos, alvos do então amor objetual, constitui o ressurgimento e reprodução do seu próprio narcisismo originário há muito ultrapassado, de modo a lhes atribuir todos os ideais de perfeição e omitir os seus defeitos inerentes, ou seja, filhos são projeções narcísicas dos pais.

Conforme Jeremy Holmes (2001), o narcisismo se apresenta enquanto fator necessário nas relações parentais na medida em que é manifestado no fascínio e orgulho normais dos pais para os filhos, de forma a constituir uma premissa no desenvolvimento de uma autoestima adequada para a criança. Freud (1914/2010), por sua vez, ao complementar a noção de revivescência narcísica dos pais na relação parental, explicita uma descompensação nesse cenário, onde

Também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será o centro e âmago da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança (p. 25).

Com base nesse trecho, evidencia-se a onda de projeções narcísicas que atravessam a criança na sua relação com os pais por meio de expectativas individuais e imaginárias, além da idealização de projetos de perpetuação da linhagem familiar, o que culmina numa ambiguidade referente ao caráter intrínseco do narcisismo nos vínculos parentais. Essas projeções remontam, como aponta Zornig (2010), desde antes o nascimento do bebê, a partir da transmissão consciente e inconsciente da história infantil dos pais, bem como as suas próprias relações parentais e conflitos inconscientes.

Nessa perspectiva, ao destacar a criança enquanto uma falta, Flesler (2012) pressupõe que, juntamente ao desejo dos pais em concebê-la, surge uma ânsia de completude que consiste no imaginário de que o bebê cobrirá as expectativas provenientes de tal falta. Tal panorama pode ser consolidado a partir de *Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal*, texto em que Freud (1917/2010) estabelece o bebê como, inconscientemente, símbolo fálico de completude. Assim, “uma criança condensa, para quem a deseja, uma expectativa que exige satisfação e que convida o sujeito a ocupar muito cedo o lugar de objeto preenchedor” (Flesler, 2012, p. 14), o que revela o lugar circunscrito do infante no desejo dos pais.

O bebê em formação no ventre materno representa, desta forma, um objeto fantasmático e imaginário que eclode das profundezas do inconsciente dos pais (Pretto, 2010). Isso amplia margens para o desencadeamento de óticas e incumbências errôneas acerca da chegada do novo membro familiar, de forma que a sua subjetivação ímpar em relação aos pais seja, por muitas vezes, negligenciada.

Em vista disso, o bebê nada mais seria do que o foco da tentativa de personificação dos desejos e fantasias dos pais, sobretudo sob uma ideia de função “reparadora” de suas feridas narcísicas (Zornig, 2010, p. 457), de forma a instituir uma relação baseada na satisfação e imortalidade egóica das figuras parentais. No entanto, Pretto (2010, p. 862) nos faz refletir sobre a importante ressalva de que “todo recém-nascido pode carregar um potencial de decepção, ou seja, nenhum bebê é capaz de preencher e estar à altura de todas as fantasias que os pais acalentaram em relação ao seu futuro filho”. Logo, para além de serem concebidas como objeto de projeções narcísicas, as crianças também estariam sujeitas às frustrações dos pais frente ao fracasso dos seus projetos pessoais.

Sob esse viés, Veludo e Viana (2012) evidenciam, para além da existência dos objetivos narcisistas dos pais, a impossibilidade de sua realização. Nesse aspecto, de forma semelhante ao ideal do Eu em sua tentativa de reviver a esfera da onipotência e perfeição fantasiosa do narcisismo primário, os pais estabelecem projetos para que os filhos permaneçam sob tal configuração de completude como forma de evitar o mesmo destino que lhes foi acometido.

Consequentemente, a impossibilidade de se fundar uma falta estruturante no filho devido ao desejo dos pais ser convertido em investimento exclusivo em sua figura, sem a mediação da castração, acarreta o engendramento da criança em atuar como um “condensador de gozo” ou objeto da fantasia parental (Flesler, 2012, p. 57), perdendo sua condição desejante. Em contraste, Zimerman (2007, p. 107) faz a importante ressalva de que “as adequadas frustrações impostas pela função paterna, pela colocação de limite, reconhecimento das limitações e aceitação das diferenças, promovem a necessária, embora dolorosa, passagem do princípio do prazer-desprazer para o da realidade”. Em um cenário delimitado por projeções narcísicas dos pais, haveria um esforço em evitar a frustração da realidade soberana e, ao passo disso, o prosseguimento na plena satisfação do princípio do prazer³.

Nessas circunstâncias, a presença de um outro representado, demarcadamente nesse estudo, pelas figuras primordiais de cuidado – representantes da função materna e paterna – consolida um papel crucial na formação e constituição de um Eu infantil, isto é, desde a sua gênese até a maturação. Portanto, os processos de subjetivação de uma criança perpassam pela constituição narcísica e estão intrinsecamente ligados ao ambiente externo e os atores que exercem os papéis de apoio, o que urge uma ótica para tal perspectiva.

3. OS PERCURSOS DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA CRIANÇA

O processo de subjetivação se inscreve a partir de diversas nuances em que a criança é inserida em um ambiente familiar e passa se constituir como indivíduo, além de ser submetida a diversas demandas psíquicas consigo mesma e com as figuras parentais. De um ponto de vista psicanalítico, a formação do sujeito se encontra intrinsecamente ligada às experiências iniciais de cuidado, reconhecimento e inserção no campo da linguagem e do desejo, fatores estruturantes da singularidade e da autonomia.

3 Freud, em *Além do princípio do prazer* (1920/2016), elabora tal conceito a partir da noção de que o aparelho psíquico apresenta uma tendência a descarregar as tensões internas que geram o desprazer a fim de restaurar o estado de prazer. Também é dito que o princípio do prazer deve ser parcialmente substituído pelo mecanismo que adia a satisfação imediata, denominado princípio de realidade.

Isso se desenrola a partir de um cenário inaugural delimitado pelo desamparo, o qual é experienciado pelo bebê em seus primeiros estágios de vida devido a sua extrema insuficiência biológica e psíquica diante do encargo de saciar as suas necessidades por si próprio. No manuscrito *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1895/1977) introduz uma base prévia acerca da noção de desamparo ao investigar a incapacidade dos recém-nascidos em realizar a ação específica que promove a descarga de suas tensões pulsionais, o que revela a necessidade da atenção e ajuda de uma pessoa experiente para tal.

Nessa perspectiva, a situação primária marcada pelo narcisismo originário dos pais projetado na criança não representaria, de fato, um estado de plenitude e autossuficiência absoluta, visto que se trata do período no qual há essencialmente maior dependência e necessidade de cuidado do outro, conforme é dito por Filla (2022). Ainda segundo a autora, a referida condição de desamparo

Insere o ser humano desvalido em uma relação estreita com aqueles que cuidam dele e o protegem diante dos perigos. Com efeito, entra em cena o papel de destaque ocupado pelos progenitores, ou por aqueles que exercem as funções materna e paterna. Por conseguinte, é possível notar que o pequeno ser humano já se encontra na trilha que desembocará na trama edípica, marcada tanto pelos investimentos de objeto quanto pelos processos de identificação com as figuras parentais (Filla, 2022, p. 10).

O aludido cenário primordial de fragilidade e dependência acentuadas constitui, portanto, o momento fundador da subjetividade infantil na medida em que são fincados e construídos vínculos com os cuidadores a partir de investimentos de amor e ternura. Tal concepção pode ser autenticada a partir das contribuições à psicanálise infantil por Donald W. Winnicott (1960/2023) ao asseverar a imprescindibilidade de uma maternagem – isto é, referente aos cuidados parentais – suficientemente boa para o processo de desenvolvimento pessoal e real do bebê. Enfatiza-se que, nessa fase inicial da vida, a realidade exterior ainda não é distinguida como uma dimensão de objetos singulares, de modo que o bebê, em um estado abstrato de fusão com a mãe, apresenta apenas um *self*⁴ potencial (Winnicott, 1960/2023).

Nesse panorama, a mãe suficientemente boa, de acordo com Winnicott (1951/2019), seria encarregada de assistir o bebê em sua passagem do princípio de

4 Segundo Heinz Kohut em *Self e narcisismo* (1984), o *self* pode ser compreendido como um conteúdo do aparelho mental referente às experiências subjetivas, não sendo comparável às instâncias psíquicas freudianas.

prazer para o da realidade, desiludindo gradualmente a sua ilusão de onipotência. A figura representante dessa maternagem suficientemente boa seria, não se restringindo à mãe literal, capaz de promover a sustentação ou *holding* para a criança, de modo que haja suporte físico e emocional, além da provisão de um ambiente seguro ao seu desenvolvimento (Winnicott, 1960/2022). Evidencia-se, nessa lógica, que a constituição subjetiva e a formação do Eu dependem essencialmente da relação com um outro.

À luz dessa discussão, para Laplanche e Pontalis (2001, p. 288), é possível

[...] Conceber a constituição do ego como unidade psíquica, correlativamente à constituição de esquema corporal. Podemos ainda pensar que tal unidade é precipitada por uma determinada imagem que o sujeito adquire de si mesmo segundo o modelo do outro, e que é precisamente o ego.

Nessa direção, a assimilação de uma imagem de si através de um protótipo externo remete à proposição de um estágio do espelho, formulado por Jacques Lacan (1949/1998), cujo eixo pode ser compreendido como uma identificação em seu sentido pleno, remetendo à transformação atribuída ao sujeito no ato de assumir uma imagem. Tal processo psíquico primordial, na sua conclusão, “inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante [...] a dialética que desde então liga o eu a situações socialmente elaboradas” (Lacan, 1949/1998, p. 101), isto é, o indivíduo é introduzido à possibilidade de relações externas. Isso é complementado por Soler (2017), cuja defesa é de que

Certamente neste estágio, a imagem se torna o primeiro objeto; então podemos ver aí um estágio da libido, porém esse amor da imagem é determinado por outra coisa, a saber, a função identitária: ela é constituinte de um primeiro estrato da identidade. Daí podemos dizer o que é a questão fundamental, implícita, à qual responde o estágio do espelho: saber como a criança, que é um pequeno organismo, um pequeno animal, se torna um humano socializado e socializável (p. 28-29).

Sendo assim, para que se faça possível a relação de objeto, torna-se necessária uma anterior relação narcísica do Eu e do outro, a qual se constitui como condição primeira de toda a objetivação do mundo exterior (Lacan, 1954/2010). Essa conjuntura permite conceber que a relação com o outro, sobretudo na fase narcísica primária, consiste em um fator estruturante das formas em que a criança se relaciona consigo mesma e com os objetos externos. Tais relações, por sua vez, são determinadas antes ainda da concepção do infante, visto que “a natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural

as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam” (Lacan, 1964/1988, p. 26). Nessa lógica, destaca-se no trecho a manifestação de uma estrutura simbólica permeada por significantes já estabelecida pelas figuras parentais, que circundam a abstração da criança a uma série de discursos, expectativas, desejos e nomeações.

Nesse período primordial da infância, na qual a criança se encontra em um estado imaginário de perfeição narcísica, sobretudo alienada em uma relação dual com a mãe, o representante da função paterna se insere como castrador e fundador de uma relação triádica (Garcia-Roza, 1985). Dessa forma,

Quando esse pai exerce sua função interditora, a criança é submetida à lei do pai e essa submissão irá colocá-la em contato com a lei do desejo do outro e assim conseguirá vivenciar a alteridade. Ao perceber a falta, aquilo que não pode acessar, na relação com sua mãe, a criança torna-se capaz de substituir o desejo de ser o objeto de prazer da mãe por uma relação de diferenciação entre elas. A criança vivencia então a renúncia do objeto inicial, recalçando seu desejo primitivo e construindo novos significantes para o seu próprio desejo, tornando-se livre para ir além de uma relação dual (mãe-bebê) (Pinto; Silva; Villachan-Lyra, 2024, p. 36).

Nesse aspecto, para além da sustentação física e psíquica, as interdições também se legitimam como fatores constituintes da subjetivação da criança e sua integração no mundo. Assim sendo, aos pais é incumbida a função de inserir a criança na esfera simbólica, pois “se esta ainda não é possuidora da linguagem, se ainda não fala, é, porém ‘falada’ pelos outros” (Garcia-Roza, 1985, p. 221). Nesse sentido, infere-se que há a indispensabilidade de um outro que detenha a linguagem e que se faça presente no processo de constituição psíquica da criança, de modo a estabelecer meios para a formação do sujeito em seu âmbito consciente e inconsciente, bem como a sua inserção nas relações culturais e apossamento do seu desejo (Pinto; Silva; Villachan-Lyra, 2024).

Tendo isso em vista, é possível sustentar, por meio do que advoga Garcia-Roza (1985, p. 224), que “é através da linguagem já aprendida que a criança constituirá, no interior dessa estrutura, sua subjetividade própria [...] possibilitando à criança romper com o estado de natureza e ingressar na ordem simbólica da família”. A essa parentela, em especial os pais, é encaminhado o papel fundamental de desempenhar a participação no processo primitivo de desenvolvimento psíquico e a transmissão da cultura, segundo Lacan (1938/2008). Dessa maneira, a criança teria, a partir das suas inscrições no campo simbólico do outro, assim como o zelo e os limites lhe atribuídos,

recursos para se constituir enquanto sujeito.

Sucintamente, o processo de constituição subjetiva infantil perpassa por diversas camadas e perspectivas estruturantes, essencialmente no que concerne às condições ambientais e às condutas parentais estabelecidas. O progresso normal de tal percurso de desenvolvimento, de acordo com Winnicott (1960/2022), resulta em um indivíduo que usufrui a própria individualidade. No entanto, em um contexto atravessado pelas projeções narcísicas e idealizações excessivas que marcam determinadas relações entre pais e filhos, é possível verificar possíveis consequências danosas à subjetividade da criança.

4. REPERCUSSÕES SUBJETIVAS DO NARCISISMO PARENTAL NA CRIANÇA

Se, anteriormente, enfatizou-se o constructo de que a criança se constitui subjetivamente através da sua relação com as figuras parentais, sobretudo a partir do estabelecimento de um narcisismo primário e essencial, à síntese derradeira é delegada uma argumentação acerca das repercussões psíquicas das projeções narcísicas excedentes dos pais aos seus filhos. Assim, parte-se do pressuposto de que a criança, ao ser atravessada por idealizações, expectativas e investimentos afetivos excessivos pelos pais, torna-se refém de uma desorganização subjetiva que danifica a construção e reconhecimento de uma singularidade e alteridade.

Por intermédio da linguagem, tais projeções narcísicas se concretizam, utilizando-se dos conceitos de Lacan (1960/1998), como significantes nos discursos dos pais aos filhos, de forma que estes sejam assentados enquanto núcleo de atributos antes mesmo de nascerem, cujo acúmulo resulta em extenuação. Isso viabiliza a compreensão do lugar, já premeditado pelos pais, em que a criança é inscrita, sendo invadida por nomeações e símbolos oriundos do narcisismo parental. Logo, torna-se plausível depreender, por meio de Veludo e Viana (2012), que determinadas questões referentes ao próprio narcisismo dos pais encontram possibilidades de reverberação no psiquismo da criança e, em decorrência dos conflitos provocados por tal dinâmica, resultam em influências diretas no tratamento dirigido aos filhos, além de repercussões no desenvolvimento subjetivo destes.

Desse modo, as nuances correspondentes ao processo de constituição

psíquica da criança estariam delimitadas e subjugadas pelo imperativo subjetivo dos pais, substancialmente ligado a demandas narcísicas. Concernente à estruturação da criança enquanto um sujeito desejante, a condição primordial que lhe é acometida consiste no desejar o desejo do Outro, isto é, o desejo de ser desejada, cujo desfecho se inscreve permanentemente em sua trajetória (Lacan, 1958/1999). Em um cenário cuja dinâmica seja baseada na supremacia do desejo parental, pois, a criança estaria imersa em um constante estado de alienação, renunciando continuamente ao seu desejo em prol da satisfação das exigências e arranjos dos pais. O ato de renunciar ao próprio desejo, para além do triunfo da vontade do outro, apresenta-se de forma factível também na imaginação de que o que o outro deseja inevitavelmente irá se sobressair (Fink, 2024).

Essa configuração viabiliza o surgimento de máscaras subjetivas que camuflam as reais características de um indivíduo, o que se aproxima da teorização de Winnicott (1959/2022) acerca do falso *self*, cuja função é, potencialmente, voltada para a proteção do *self* verdadeiro. A instituição de um falso *self* remete, pois, aos primeiros estágios de vida, quando o bebê, segundo Winnicott (1960/2022), expressa um gesto espontâneo como manifestação do *self* verdadeiro, ao passo que a mãe insuficientemente boa imprime o seu próprio gesto ao invés de sentir e atender às necessidades da criança, instalando-a na esfera da submissão.

Consequentemente, a criança, limitando-se à posição submissa de reagir às exigências do ambiente, estabelece uma cadeia de relacionamentos falsos e, sobretudo, a estruturação de uma realidade falsa através das introjeções, inibindo a possibilidade de vivenciar a espontaneidade proporcionada pelo *self* verdadeiro (Winnicott, 1960/2022). Tendo isso em vista,

Quando o falso *self* é usado e tratado como real, o indivíduo tem um sentimento crescente de futilidade e desespero. É claro que na vida do indivíduo há diversos graus desses estados de coisas, de modo que em geral o *self* verdadeiro é protegido, mas tem vida, sendo o falso *self* a atitude social. No extremo da anormalidade, o falso *self* pode facilmente ser tomado como real por engano, de modo que o *self* real está sob ameaça de aniquilação” (Winnicott, 1959/2022, p. 171-172).

Tal passagem possibilita a elucidação da desorganização psíquica ocasionada pelo alheamento da criança em relação ao seu próprio desejo frente às impressões dos pais, de modo que suas falsas características sejam ressaltadas como

condizentes ao molde ideal imposto. Dessa forma, ao se enquadrar à posição de instrumento de projeção e satisfação excessiva dos pais, a criança, de acordo com Alice Miller (1997), se encontraria impossibilitada de vivenciar seus sentimentos e emoções de forma genuína com o intuito de continuar a ser amada e, conseqüentemente, estaria impedida de ser ela mesma.

Por conseguinte, a criança se manteria capturada a uma personalidade sujeita às expressões do falso *self*, conduzindo seus atos conforme apenas o que lhe é esperado, o que põe a sua integridade como alvo de empobrecimento e esvaziamento das possibilidades de vivência do *self* verdadeiro (Miller, 1997). Diante desse cenário, pode-se afirmar que

Os próprios pais encontraram no falso *self* do filho a confirmação que buscavam, um substituto para a sua própria estrutura inexistente; a criança, incapaz de construir sua própria estrutura, é dependente dos pais, primeiro de maneira consciente, depois inconsciente. Não pode confiar nos seus próprios sentimentos, não chegou a experimentá-los, não conhece suas reais necessidades, é um completo *estranho* para si mesmo. Nessas circunstâncias, não pode se separar dos pais, e mesmo como adulto estará sempre dependente da aceitação de pessoas que representam seus pais: parceiros, grupos e, *principalmente*, os próprios filhos. O legado dos pais são as lembranças inconscientes, reprimidas, que nos impelem a esconder o verdadeiro *self* de nós mesmos muito profundamente (Miller, 1997, p. 24)

Nessa perspectiva, enfatiza-se que, devido à forte influência do desejo parental narcísico na relação com o filho, haveria a instauração de um estado de regressão contínua que perpetuaria, para o resto da sua vida, a condição primitiva de se inclinar enquanto objeto de satisfação do outro. Isso pode ser aproximado ao que é proposto por Zimerman (2007) no que diz respeito a uma das características da fixação na posição narcisista⁵, pela qual o sujeito, cuja autoestima é marcada pela fragilidade, volta-se incessantemente à tentativa de corresponder às expectativas e exigências provenientes dos pais e da sociedade, tal como uma necessidade de alcançar o ideal do Eu.

O vislumbre de tal configuração psíquica viabiliza o debruçamento da noção de sintoma, o qual Fink (2024) busca abordar de forma que compreenda a tentativa inconsciente de resgatar parcialmente determinadas satisfações, assim como os desejos que lhe são associados, anteriormente vetadas. Nesse sentido, o sintoma

5 A posição narcisista se refere a um estado mental ou estrutura que é marcada por uma indiferenciação entre o Eu e o outro, visando a manutenção e perpetuação da relação simbiótica com a mãe (Zimerman, 2007).

se revelaria na figura da criança como uma forma secundária e deturpada de realizar e satisfazer os desejos que lhe são interditados pelo desejo dos pais. O sintoma infantil indica, pois, a existência de negligências na relação parental à medida que também evidencia custos à integridade psíquica da criança.

Referente ao desenvolvimento sintomático, Freud (1900/2018, p. 618) estabelece que “uma parte do sintoma corresponde à realização de desejo inconsciente e outra, à estrutura psíquica que reage contra o desejo”. Isso permite hipotetizar acerca de duas forças antagônicas que atuam no psiquismo, em que Fink (2024) atribui à primeira o surgimento de um impulso que gera um desejo no indivíduo e, à segunda, a sua censura moral ou desejo oposto. Paralelamente, o conflito imaturo entre o desejo e sua impossibilidade de realização para a criança proporciona a eclosão de sintomas que servem como pilares para o seu adoecimento psíquico.

Sob esse viés, Miller (1997) aborda o aspecto de grandiosidade, herdeiro de uma fragilização no *self*, como um mecanismo de defesa contra a perda de si mesmo, de forma que haja a eminência de frustrações em alternância com uma necessidade intensa do indivíduo por admiração e validação externa, de modo que seu comportamento esteja voltado, majoritariamente, à satisfação alheia. Vinculadamente, a depressão, irrompida do colapso da grandiosidade, constitui um estado de desintegração do *self*, no qual a criança é marcada pela negação de suas próprias emoções e sentimentos (Miller, 1997).

Assim como Narciso, de maneira análoga, pereceu às custas da supervalorização e inacessibilidade de sua própria imagem idealizada, a criança fixada no seu falso *self* prossegue em um caminho de desistência de si mesma (Miller, 1997). A partir disso, nota-se um processo de retorno da libido ao Eu à medida que os aspectos narcísicos da criança passam a vigorar sobre a legitimação das relações objetais, tornando-se um recurso de defesa psíquica vital contra as ameaças externas. Isso é designado por Wolman (1976) como uma defesa narcísica, pela qual o indivíduo se utiliza da miragem de amor por si mesmo como forma de mascarar a hostilidade dos impulsos agressivos autodirecionados.

A criança, logo, estaria fadada ao sentimento de desamparo seguido do retraimento dos afetos, o que remete, segundo Costa (2010) ao esclarecer os pressupostos de Françoise Dolto, a uma dívida transgeracional atribuída à figura do

filho como sintoma neurótico oriundo dos pais, a qual não é quitada ao decorrer das gerações. Alicerçando-se nessa lógica, é concebível deduzir que, ao introjetar os distúrbios das figuras parentais narcisistas sem a possibilidade de elaboração, a criança estaria propensa, ao final, a reproduzir a mesma estrutura de projeções narcísicas sobre os seus futuros descendentes, estabelecendo-se a regência de um ciclo geracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos pressupostos teóricos apresentados, o presente estudo visou uma investigação psicanalítica acerca do narcisismo parental e seus possíveis desdobramentos na subjetivação da criança, o que constitui uma contribuição científica entre as demais pesquisas em torno da parentalidade narcísica e os fatores estruturantes da formação de sujeito na infância. As discussões desenvolvidas permitiram ratificar o narcisismo enquanto concepção essencial para a assimilação do indivíduo em sua fundação do Eu e dos investimentos libidinais. Dessa forma, Freud possibilita a compreensão fundamental do narcisismo em seu estado primário, no qual a sensação de perfeição e onipotência, mediadas pelos pais ou outras figuras de cuidado, compõe um pilar imprescindível na autoconservação do bebê frente ao desamparo originário.

Sendo a referida configuração parcialmente estruturada pelo narcisismo primário adormecido dos próprios pais, estes possuem influência direta no manejo e amparo da criança em sua passagem pelos estágios de desenvolvimento e, sobretudo, de sua constituição enquanto sujeito. No contexto em que há um esforço inconsciente de manter a criança fixada em um estado de completude análoga ao Eu ideal, o que não lhes foi possível, identifica-se a vigência de projeções narcísicas dos pais estabelecidas como paradigmas a serem alcançados e correspondidos pelo infante. Assim, este se vê seduzido pela ideia de que os projetos pessoais dos pais são uma condição incontestável de perpetuação do amor a ser recebido.

Diante disso, infere-se que o narcisismo parental ocupa uma posição de grande dimensão nas relações familiares, especificamente no que se refere à constituição subjetiva infantil. Nessa lógica, ao passo que os investimentos parentais denotam um caráter indispensável ao desenvolvimento psíquico e à inserção do infante no universo

simbólico, também podem se converter em um obstáculo à emergência da singularidade quando há a sujeição da criança às demandas narcísicas dos pais. Logo, a possibilidade de a criança desenvolver sua subjetividade sob espontaneidade e segurança parece depender, substancialmente, do reconhecimento e diferenciação pelos pais entre suas próprias demandas e as que são apresentadas pelo filho.

REFERÊNCIAS

BILOTTA, Fernanda Aprile. **Heroínas: da submissão à ação: uma análise junguiana de personagens em filme de animação**. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15910>. Acesso em: 28 mai. 2026.

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com crianças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FILLA, Munique Gaio. Entre o desamparo e a perfeição: notas sobre o narcisismo primário e a formação de ideal em Freud. **Analytica: Revista de Psicanálise**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 1–30, 2023. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4238>. Acesso em: 24 abr. 2026.

FINK, Bruce. **Introdução clínica a Freud: técnicas para a prática cotidiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). In: **Obras completas**, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). In: **Obras completas**, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: **Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HOLMES, Jeremy. **O narcisismo**. Coimbra: Almedina, 2002.

KOHUT, Heinz. **Self e narcisismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-1955**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes**. São Paulo: Fósforo, 2022.

MAIA, Bruna Bortolozzi; OKAMOTO, Mary Yoko. Considerações psicanalíticas sobre narcisismo e parentalidade no contemporâneo: uma revisão de literatura. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, e19759, 2023. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202023000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 mar. 2026.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

OVÍDIO. **As metamorfoses**. Organização de Zilma Gesser Nunes e Mauri Furlan. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

PRETTO, Janaína Pereira. A influência do desejo parental nas altas habilidades/superdotação: uma abordagem psicanalítica. **Rev. CEFAC**, [S. l.], 12(5): 859-869, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/JPCGjVPcwgy4GQDBt8XMMWN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 01 mai. 2026.

ROCHA, Zeferino. **Freud: novas aproximações**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

SILVA, Sirley Sílvia Almeida da; VILLACHAN-LYRA, Pompéia; PINTO, Alexandra Marques. Constituição subjetiva: contribuições da psicanálise ao desenvolvimento infantil. **Revista Lumen**, Recife, v. 33, n. 1, p. 27-56, 2024. Disponível em: <https://fafire.emnuvens.com.br/lumen/article/view/739>. Acesso em: 15 mai. 2026.

SOLER, Colette. Nova economia do narcisismo. **Revista de Psicanálise Stylus**, [S. l.], n. 34, p. 27-42, 2017. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/23>. Acesso em: 09 mar. 2026.

VELUDO, C. M. B.; VIANA, T. de C. Parentalidade e o desenvolvimento psíquico da criança. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, 111-118, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/KhxTLrpqHcTq5ZGMPMM5B3F/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 mai. 2026.

WINNICOTT, Donald W. **Família e desenvolvimento individual**. São Paulo: Ubu/Martins Fontes, 2023.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019.

WINNICOTT, Donald W. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. São Paulo: Ubu/Martins Fontes, 2022.

WOLMAN, Benjamin B. (org.). **Técnicas psicanalíticas 2**: freudianos e neofreudianos. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 mai. 2026.